

Sede da EMBRAFILME no DF pode livrá-la de pressões do Rio São Paulo e descentralizar sua atuação

Cinema singular na saga de Brasília



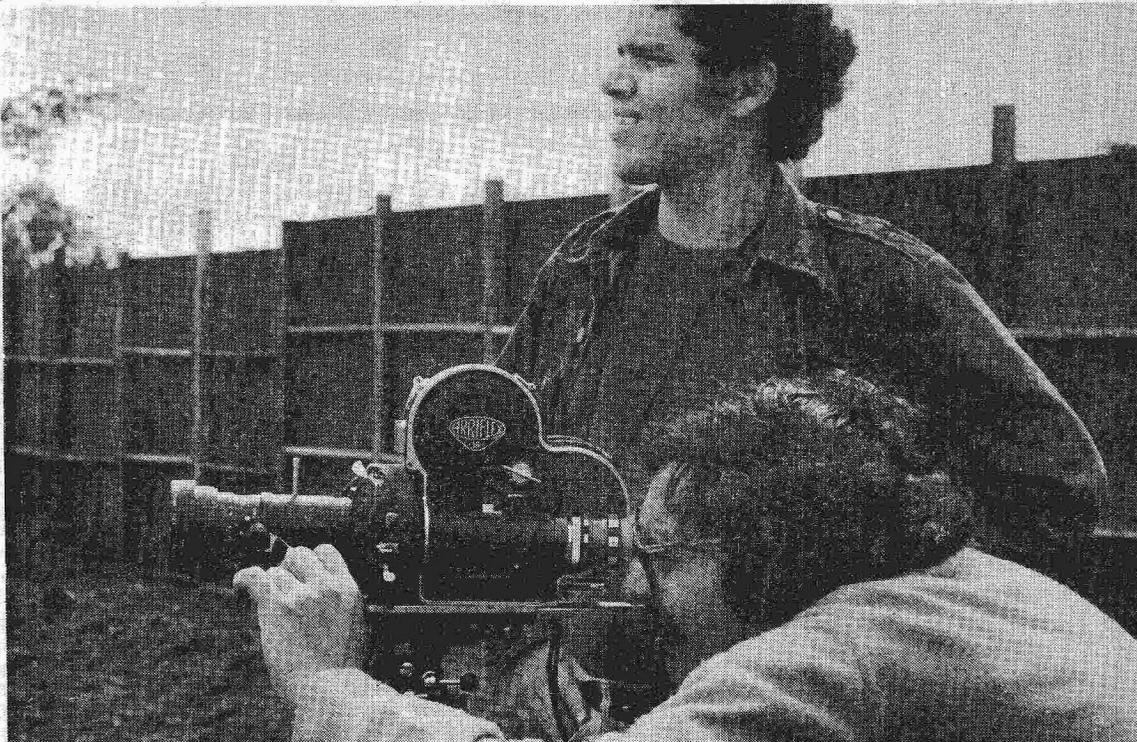
Na ocasião desta Mostra do Cinema de Brasília com que os cineastas locais se associam às comemorações

dos 25 anos da cidade, poderíamos fazer circular de novo a idéia de pólo cinematográfico pela qual sempre nos batemos. Guardadas as proporções, o movimento dos pólos poderia ter papel idêntico ao que o Cinema Novo desempenhou na renovação do cinema brasileiro nos últimos 30 anos. Aliás, não seria uma heresia dizer-se que os pólos, entendidos como uma forma de descentralização da produção cinematográfica, são uma consequência natural das propostas cinemanovistas de aproximação e trato da realidade brasileira de modo consequente. Não é à toa que as manifestações regionais de reivindicação de pólos estejam acontecendo justamente no momento em que se pode perceber o estancamento do grande projeto histórico do Cinema Novo.

Num país de memória curta, poucos ainda se lembram da fase ingênua mas benfazeja dos ciclos regionais, que vieram à luz nos anos 20 em Campinas, no Recife e na providencial Cataguases de Mestre Humberto Mauro. Outros poderiam ser citados aqui, mas importante é o fato do cinema ter eclodido com vigor em pontos extremos do País, penetrado pela cor local, por um sentido às vezes delicioso de brasilidade, que por mais tênue sutil que fosse, era algo precioso, imprescindível na gestação do corpus cinematográfico nacional. Uma plantinha tenra, que nascia frágil e já ameaçada pelo pesado tãço do filme estrangeiro, senhor absoluto do mercado. Mas o destaque aqui é para o exemplo dessa herança cultural dos anos 20, que mesmo efêmera em sua época, nos legou um sentido de inegável atualidade. Embora soterrados no tempo, os ciclos servem até hoje de exemplo a um Brasil que se encaramujou entre o Rio de Janeiro, beneficiário de uma situação geopolítica desde os tempos da Corte, e São Paulo, carro-chefe do trem industrial brasileiro, inchado de privilégios que consolida desde quando revisou a frustrada Revolução de 30 com a de 32.

Na verdade, os ciclos cinematográficos regionais são uma espécie de metáfora viva do dualismo estrutural e contraditório da sociedade brasileira — a periferia explorada, o interior, os pobres Estados da Federação e o "Centro" rico e concentracionista do Eixo Rio-São Paulo. O sucedâneo dos ciclos cinematográficos são os pólos que ocorrem agora, num tempo diferente. E isto acontece porque o País cresceu, se desenvolveu, a universidade foi descentralizada, o jogo ficou mais claro. A consciência nacional tomou corpo e ninguém se deixa mais enganar.

Em 1960 quando "Aruanda", o antológico filme paraibano, revolucionou o meio cinematográfico, era já o início de uma coisa nova, que mal se esboçava, mas apontava de cara para a necessidade de criação de núcleos locais de produção de cinema. Era a primeira geração de universitários nordestinos que descobria o documentário. E "Aruanda" mostrava nitidamente que não era necessário que esta produção enveredasse pelo pastiche do que se fazia, por vício do mercado, do Rio e em São Pau-



Filmando sem apoio dos órgãos oficiais

lo. Isto é, não era necessário que a forma adotada para a realização de novos ciclos regionais fosse o filme de ficção, de longa metragem, com toda a parafernália da súa de Hollywood. O negócio do cinema, aqui ou em qualquer parte, sempre foi implacável com as iniciativas mais autênticas mas que não tenham o compromisso e a voragem do lucro, do mito do enriquecimento e do estrelismo. E foi assim que também no Brasil o filme de curta duração e de preocupação cultural forçou caminho e enfrentou dificuldades.

Agora o que se pretende com os pólos — e Brasília não foge à regra — é a consulta aos interesses locais, principalmente que se leve em conta as peculiaridades de cada centro produtor. E o pólo é — em última análise — o meio pelo qual juntando-se os recursos locais, sejam de origem pública ou privada, com os da Embrafilme, como órgão máximo do cinema, os realizadores possam dar continuidade ao trabalho espontâneo e sacrificado que levaram a cabo. O pólo é o reconhecimento do esforço feito e a identificação de que aqui — como em outros pontos do País — foram criadas as condi-

ções para a produção cinematográfica.

No capítulo das peculiaridades brasilienses, nem sempre entendidas quando se trata da escolha do documentário como peça de resistência para caracterizar a grande contribuição local, o que salta aos olhos é a possibilidade dessas peculiaridades, percebidas no contexto de uma Cidade-Estado sem tradição de um mercado de capitais, sem grande indústria nem comércio, serem transformadas numa benéfica diferenciação. Quer dizer, ao invés de se confundir com o alquebrado cinema de ficção, sempre em crise, avelhantado, por que não nos distinguir do convencional do Eixo Rio-São Paulo, assumindo a vocação natural de Brasília, um centro universitário, com embocadura para a reflexão e a pesquisa, na vizinhança dos grandes projetos nacionais, que muito mais se harmoniza com o gênero documentário, com o filme de interesse, um cinema de interpretação, útil, direto e experimental?

Sem falarmos no imenso laboratório vivo que é Brasília, com todas as suas contradições, sua arquitetura de amplos telões, como

se fosse um espetáculo e não uma cidade; a sua periferia de cidades-dormitórios fervilhante de vida e problemas. E o centro Oeste ainda por desbravar com suas fazendas coloniais, suas capelas barrocas e os remanescentes indígenas de Goiás Velho; o mundo do Xingu e Araguaia? Tudo isso se oferece como um filão inesgotável à curiosidade dos homens de cinema; tudo isto está à espera de uma instituição que de fato se defina pela coleta, interpretação e projeção desses valores.

Entretanto, quando falamos do documentário como o móvel que no caso de Brasília ensejaria a instalação de um pólo, lembramos que esta seria uma proposta aberta, sem exclusividade. Então, instalados os meios (equipamento básico para a produção de filmes curtos e financiamento), o núcleo também a colheita — e de bom grado — quaisquer iniciativa com vistas à realização de filmes de longa metragem destinados ao mercado. Apenas, se pensa, resguardaríamos as características já aludidas e que fizeram a tradição do novel cinema brasiliense, colocado no mapa cinematográfico do Brasil pela sua contribuição no gênero documentário. Longe de alijar Brasília do lugar que merce na história do cinema brasileiro, com o status de capital da República, estas características de um cinema voltado prioritariamente para o documentário cultural nos diferenciaria do todo, e ratificaria a inclinação original de Brasília para ser um centro irradiador de cultura como queria Darcy Ribeiro.

O pólo de Brasília, se existe de fato — e agora mais do que nunca com grande número de filmes em produção — não existe de maneira a assegurar sua existência com continuidade. Inúmeras tentativas foram feitas junto a organismos aqui sediados e que pela sua natureza têm obrigações para com a cultura. Mas sempre restou um impasse, nunca se chegou a bom termo. Pensou-se muito na Universidade de Brasília, que foi o promissor nascedouro do nosso cinema ainda nos anos 60. Essa possibilidade, porém, foi afastada a partir do momento em que insensivelmente a UnB extinguiu o seu curso de cinema em 72. De-



pois disso, as esperanças de formar um núcleo assistido pelo Estado se transferiram para a Fundação Cultural, que adotara o Festival de Brasília, criado por Paulo Emílio. Em 1976, apresentou-se uma fase propícia, especialmente por causa do entusiasmo de Vladimir Murinho, com seu jeito visionário e generoso. Ele reformou o Cine Brasília e chegou a pensar na instalação ali de uma Cinemateca. Foi ele quem estimulou o surgimento do Centro de Criatividade, onde por uns poucos meses o pessoal de cinema contou com uma sala de montagem, embrião que todos acreditávamos seria transformado no pólo. Foi nessa gestão que a Fundação recebeu de mão beijada da Funarte os recursos para adquirir uma moviola (mesa de montagem) para ajudar o cinema brasiliense. O equipamento jamais foi adquirido e nenhuma satisfação foi dada, embora não faltassem os nossos reclamos pela imprensa. E de novo a idéia do pólo esmaeceu.

A salvação de parte da proposta só foi possível através de um organismo criado pela ABD local de comum acordo com a Embrafilme. Surgiu então há cerca de três anos o Centrô de Produção Cinematográfica — CEPROCINE que recebeu da Embrafilme, em regime de comodato os equipamentos prometidos. É esta base material e este ponto de referência que têm possibilitado ainda que precariamente a continuidade de um movimento que luta por se consolidar realizando uma atividade constante. Várias produções estão em curso; foi instituído um concurso de roteiros e há uma verba na iminência de ser liberada para os realizadores brasilienses. A ABD-DF já realizou dois festivais e vem ampliando o seu raio de ação e no limiar da Nova República todos esperamos que além do esforço isolado de seus membros, encontre o apoio dos poderes públicos para que não cesse um ciclo que já marcou a paisagem cultural de Brasília e se projeta pela sua singularidade como uma vertente vital do cinema brasileiro. Enquanto não se realiza o velho anseio dos que fazem cinema aqui que é a definitiva transferência da Embrafilme para Brasília, proposta que se volta a cogitar.

VLADIMIR CARVALHO



Criatividade e improvisação de um cinema combativo